

Um Novo Olhar sobre o Desenvolvimento e Aprendizado das Crianças Portadoras de Altas Habilidades.

Giovana Mattei

Resumo

Quando abordamos o tema desenvolvimento e aprendizado, logo nos vem à mente o processo de ensino específico do ambiente escolar. Todavia, devemos ter claro que o desenvolvimento assim como o aprendizado são processos complexos que envolvem não apenas o ambiente escolar, mas o desenvolvimento do ser humano físico, mental e social. O ser humano não é apenas intelecto, é um ser complexo com forte suporte cognitivo e ambiental, de interações, aprendizados e, conseqüentemente, desenvolvimento e evolução. Esta capacidade de aprender durante toda a vida, mesmo sem estar presente em um ambiente escolar, é o que nos torna seres únicos, capazes de poder interpretar, manifestar conhecimentos, ideários, desenvolver-nos intelectual e socialmente, isto é aprendizagem em potencial. Com relação às crianças superdotadas ou portadoras de altas habilidades, inúmeras dúvidas e contradições permeiam os aspectos relativos ao seu desenvolvimento e aprendizado, assim, diferentes visões e perspectivas são analisadas a fim de contribuir e esclarecer aspectos relacionados a estas crianças especiais, para que escola e educadores possam auxiliar de maneira significativa estas crianças, potencializando suas capacidades.

Palavras-chave: Crianças com altas habilidades/superdotação; aprendizado e desenvolvimento; Educação.

A New Look on the Development and Learning of Children with High Abilities

Abstract

When we approach the subject development and learning soon in them it comes the mind the process of education and specific learning of the pertaining to school environment. However we must have clearly that the development as well as learning is complex processes that involves the pertaining not only the school environment but the development of the physical, mental and social of the human being. The human being is not only intellect, is a complex being with strong cognitive and ambient support, of interactions, learnings and consequently development and evolution. This capacity to learn during all the life, exactly without being present in a pertaining school environment, is what in them it becomes only beings capable to be able to interpret, to reveal knowledge, to develop itself socially intellectual and, that is learning in potential. With regard to the children superendowed or carrying of high innumerable abilities doubts and contradictions thus permeate the relative aspects to its development and learning, different visions and

perspectives are analyzed in order to contribute and to clarify aspects related to these children special, so that school and educators can assist in significant way these children potentializing his capacities.

Key words: Children with high abilities/superendowment; learning and development; Education.

A relação aprendizado e desenvolvimento surge desde o nascimento da criança e a acompanha durante toda a sua vida. A partir do momento que a criança nasce, ela estabelece uma relação com o mundo que a cerca, e através deste ambiente e dos estímulos provocados pelo mesmo, ela conseguirá aprender conceitos e significados que contribuirão para o seu desenvolvimento. O aprendizado proporciona o desenvolvimento e a reconstrução da experiência e significados. Nos trabalhos de Piaget e Vygotsky encontramos a preocupação com o desenvolvimento e aprendizado das crianças, porém ambos não aprofundaram seus estudos no processo educativo. Piaget visava o sujeito epistêmico, enquanto Vygotsky buscava construir uma nova psicologia. Tanto Piaget quanto Vygotsky contribuem até hoje para as pesquisas relacionadas à educação, e não poderia ser diferente quanto às crianças com altas habilidades. Para Vygotsky, o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, portanto este é um processo integrado que ocorre antes mesmo da criança frequentar a escola.

Piaget buscou compreender as idéias que envolvem a experiência e a inteligência, ou seja, a interação indivíduo/meio, valorizando aspectos biológicos no desenvolvimento, enquanto Vygotsky faz uma dialética com a obra de Piaget, concluindo que o desenvolvimento é favorecido pelo ambiente físico e social no qual estamos inseridos.

As crianças com altas habilidades se diferenciam das demais pelo seu potencial ou talento, dessa forma, merecem uma atenção especial mediante seu desenvolvimento. Uma das questões mais intrigantes surge a respeito da origem da superdotação. Na visão piagetiana, as altas habilidades são de ordem biológica que dependerá da interação do sujeito; já na perspectiva vygotskyana, podemos dizer que o ambiente e as interações são fatores indispensáveis no desenvolvimento de altas habilidades nas crianças.

O ser humano não é apenas intelecto, é um ser complexo, com forte suporte cognitivo e ambiental de interações, aprendizados e conseqüentemente, desenvolvimento e evolução. Esta capacidade de aprender durante toda a

vida, mesmo sem estar presente em um ambiente escolar, é o que nos torna seres únicos, capazes de poder interpretar, manifestar conhecimentos, ideários, desenvolver-nos intelectual e socialmente, isto é aprendizagem em potencial.

Aprender a reestruturar conhecimentos, elaborar significados e conceitos é o que nos remete a processos mentais superiores e a níveis de desenvolvimento diferenciados. As crianças superdotadas ou portadoras de altas habilidades possuem níveis de desenvolvimento superiores aos das demais crianças, porém não são superdotadas em todos os domínios e muitas vezes, os testes de QI não identificam sua capacidade. O termo “superdotação” vem sendo substituído por altas habilidades, pois o conceito de superdotação estava limitado apenas às capacidades acadêmicas acima da média. Assim, o termo “altas habilidades” contempla inúmeras habilidades, inclusive as acadêmicas. Todavia, ainda existem escritos utilizando-se do termo superdotação e alguns tratam este como sinônimo, as altas habilidades, o que se torna incoerente. (teria que rever este trecho – talvez escrever assim: e alguns referem-se a este com o sinônimo “altas habilidades”, o que se torna incoerente.

A conceituação sobre ser superdotado também modificou com o passar do tempo e hoje podemos perceber que um gênio é sempre um superdotado, mas nem todo superdotado é um gênio. Exemplos como Einstein, que teve uma infância difícil, não gostava da escola e entrou na lista dos repetentes, além do pintor holandês Van Gogh, que padeceu de desajustes psicológicos, entre outros, demonstram a relevância de abordar este tema, principalmente no âmbito escolar.

O chavão criado a respeito do superdotado, como pequenos “gênios” ou “nerds”, que não possuem infância alguma, precisam ser reconsiderados. Superdotação não é sinônimo de genialidade. O gênio é aquele que não apenas possui um talento relevante, mas que o utiliza de forma produtiva, gerando obras de valor histórico, científico, artístico, e outros, dando uma colaboração ímpar para o mundo.

Portanto, a superdotação, que indica um dado tipo de capacidade mental, não pode ser confundida com genialidade, resultante de uma combinação de intelecto, condições sócio-econômicas e culturais, motivação e trabalho duro. Dessa forma, a criança com altas habilidades não terá sempre necessariamente excelente desempenho em todas as disciplinas, podendo até mesmo ter déficit de aprendizagem na área que não é do seu domínio.

Tendo em vista que o ser humano é um ser social e culturalmente

constituído, podemos afirmar que ele desenvolve sua inteligência através de interações cognitivas. Quando nos referimos à inteligência, temos como base a definição de Howard Gardner, psicólogo americano, da Universidade de Harvard, (2000, p. 47) “ um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura..” Howard Gardner estudou as diferentes inteligências teoricamente independentes, que podem ter mais ou menos vínculo entre si, mas não são um construto isolado ou unitário, como pensavam os adeptos dos limitados testes de QI, classificatórios. Um polêmico estudo publicado na década de 80 pelo cientista e político James Flynn na Nova Zelândia, revelou que o quociente de inteligência (QI), medido nos testes de avaliação, aumentou 25 pontos em uma geração. A dúvida é: será que os jovens de hoje estão mais inteligentes ou os métodos de avaliação precisam ser reformulados? Atualmente, investiga-se marcadores de DNA como formas para avaliar o nível de inteligência das crianças.

Muitos fatores podem ter ajudado a aumentar o QI. na década de 50: acelera-se o processo de urbanização, a indústria do cinema começa a investir no público infantil. A TV se populariza. Todos esse fatores oferecem novos estímulos sensoriais às crianças.

Na década de 80, surgiram os primeiros videogames que desenvolvem a concentração e coordenação motora das crianças. O advento do videocassete permitiu que as crianças assistissem a mais filmes, assimilando maior quantidade de informações sobre o mundo. Isso exigiu delas maior esforço de raciocínio e reflexão. Hoje o QI fica 25% maior do que na década de 50. O computador, DVD, celular e games criaram a primeira geração integralmente imersa na tecnologia. As crianças são induzidas a selecionar e processar informações, a exercitar a lógica e a desenvolver capacidades cognitivas. As crianças estão mais estimuladas e conseqüentemente mais desenvolvidas, explorando cada vez mais a aprendizagem. Sabemos que a inteligência não é algo que possa ser medido através de índices, pois existem vários tipos de inteligência, cada uma aplicada a um campo de conhecimento ou da atividade humana.

Segundo Gardner, “Cada inteligência está baseada, pelo menos inicialmente, em um potencial biológico, que então se expressa como o resultado da interação dos fatores genéticos e ambientais”.(1995, p.78).

O aluno portador de altas habilidades é um exemplo disto, é aquele

indivíduo que quando comparado à população em geral, apresenta uma habilidade significativamente superior em alguma área do conhecimento, podendo ser: lingüística, lógico-matemática, musical, espacial, cinestésica, naturalística, existencial e emocional. Mesmo que alguns estudiosos afirmem a origem biológica ou hereditária das altas habilidades, pensamos que isto é desmistificado pelo processo de evolução e desenvolvimento da humanidade, que está cada vez mais evidente nas gerações atuais.

As inteligências múltiplas estudadas por Gardner consistem em competências individuais, de acordo com indivíduos e sociedade nas quais eles operam. Poderíamos afirmar que tais inteligências são as habilidades das crianças. Gardner argumenta tanto a carga genética quanto o ambiente para o aprendizado e desenvolvimento das crianças, trazendo novamente os estudos de Piaget e Vygotsky inter-relacionados.

Ellen Winner(1999), pesquisadora americana, trabalhou sobre os mitos e realidades de crianças superdotadas, afirmando que o desenvolvimento destas crianças sempre resulta de uma ação conjunta de genes e ambiente. Os genes são suscetíveis a influências do ambiente, podendo operar separada e aditivamente. Esta é uma questão pertinente quando abordamos o desenvolvimento e aprendizado de crianças portadoras de altas habilidades, pois como vimos, o aprendizado promove o desenvolvimento e isto implica num aprendizado condizente com as suas necessidades.

Winner aponta várias experiências e pesquisas de especialistas em busca de uma base cerebral para superdotação, considerando hipóteses como: tamanho do cérebro e conexões entre os neurônios; velocidade do cérebro e testes de QI; organização cerebral atípica como casos das síndromes de savant, onde há excelência em habilidades para cálculos, música ou arte, em detrimento de habilidades lingüísticas prejudicadas. Supondo que a base cerebral das altas habilidades fosse descoberta, precisaríamos verificar em qual contexto este indivíduo teve sua vivência, pois sabemos que a mutabilidade de neurônios, conexões e sinapses são desenvolvidas através de estímulos.

Vygotsky, ao considerar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, percebe-as como algo que não é genético, mas apropriativo de um psiquismo que é historicamente acumulado sob a forma de relações sociais entre os homens. As relações entre os homens são elementos mediadores para relação entre o homem e o mundo. Dessa forma, as funções mentais e a noção de cérebro são vistas como um sistema aberto de grande plasticidade,

cuja estrutura e funcionamento são moldados ao longo da história e do desenvolvimento individual através da mediação, representação, abstração e generalização da realidade para posterior formação de conceitos e internalização.

Ainda não há uma clareza ou um estudo que tenha comprovado que alguma destas afirmativas de ordem biológica, genética ou ambiental, tenha sido fator determinante para a superdotação. Todavia, segundo Winner e Gardner, as formas de superdotação possuem base biológica, que com apoio e um ambiente estimulante poderão desenvolver suas habilidades e talentos a nível de peritos, desde que concentrem-se num objetivo, tenham forte motivação e apoio da família e escola.

A formação de conceitos pela criança tem ligação direta com o seu desenvolvimento e aprendizado. De acordo com Vygotsky (1989), os conceitos espontâneos e científicos estão organizados em sistemas consistentes de inter-relações e implicam uma atitude metacognitiva. Assim, a intervenção pedagógica promove avanços na aprendizagem e desenvolvimento da criança através da interação com outras pessoas, conhecimento da ciência e de procedimentos metacognitivos centrais para a formação de conceitos científicos.

Nas crianças portadoras de altas habilidades, o pensamento científico apontado por alguns autores como maturação precoce, tem sido revisto por Freeman e Guenther relacionados à emoção e auto-regulação da aprendizagem. A emoção pode ajudar ou atrapalhar o aprendizado da criança com altas habilidades. Alguns estudos mostram que crianças com altas habilidades, que foram inibidas pelos professores, ou que estão desmotivadas para a aula pelo fato de já terem conhecimento sobre o tema abordado pelo educador, podem isolar-se do grupo ou ao contrário, perturbar o mesmo. A auto-regulação da aprendizagem é uma característica visível nas crianças com altas habilidades. Segundo Freeman e Guenther, aumentar a auto-aprendizagem do aluno (metacognição), deve ser um importante resultado da experiência escolar, especialmente para aqueles de maior capacidade. Para estas autoras, o potencial destes alunos pode ser desenvolvido a níveis elevados mediante as condições apropriadas e oportunidades para aprender. Mais uma vez o ambiente no qual a criança está inserida aparece como fonte indispensável para o aprendizado e desenvolvimento das crianças com altas habilidades. Estas afirmam ainda que a escola tem mais efeito em crianças com capacidade média do que nas crianças com altas habilidades, porque o processo escolar não focaliza o desenvolvimento de talentos específicos.

Joseph Renzulli, renomado pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa na Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos, iniciou seus estudos sobre superdotados no final da década de sessenta em seu modelo dos três anéis. Ele considera que os comportamentos de superdotação resultam de três conjuntos de traços: habilidades acima da média em alguma área do conhecimento, envolvimento com a tarefa e criatividade. Para este autor, a superdotação pode apresentar-se em determinadas situações e em outras não. Assim, deveria haver uma mudança na concepção de “ser superdotado”.

Renzulli destaca também a superdotação como uma condição de comportamento que pode ocorrer na infância e não necessariamente por toda a vida adulta. Assim, qualquer pessoa pode vir a ser um superdotado ou desenvolver altas habilidades. Deveríamos levar em consideração aqueles indivíduos que apresentam “comportamentos superdotados”, para então implementar programas de enriquecimento, que iriam beneficiar um maior grupo de pessoas. Freeman e Guenther apud Renzulli, “Um ambiente educacional enriquecido é essencial para desenvolver a motivação intrínseca, a curiosidade e vontade de aprender, o que Renzulli (1995) chama de” compromisso com a tarefa”. (2000, p.26).

Winner (1998, p. 180) é pontual ao afirmar que as crianças com altas habilidades freqüentemente “[...] desempenham abaixo de sua capacidade, não apenas porque são subdesafiadas, mas também porque trabalham abaixo do seu nível para obter aceitação social”. Diante disso, o professor pode criar estratégias para minimizar esses acontecimentos em sala de aula. Segundo Winner:

“As crianças superdotadas não são apenas mais rápidas do que as crianças normais, mas são também diferentes. Porque requerem apoio estruturado mínimo, porque fazem descobertas sozinhas e inventam novas formas de entender e porque tem tamanha fúria por dominar, elas são diferentes das crianças que apenas trabalharam com afinco extremo”. (1998, p.247, 248).

Podemos considerar que os autores citados seguem a mesma linha de pensamento, onde o fator biológico e ambiental são contribuintes indispensáveis no processo de desenvolvimento e aprendizado das crianças superdotadas ou portadoras de altas habilidades. Existem muitas questões a serem discutidas em relação ao aprendizado e desenvolvimento das crianças com altas habilidades, primeiramente porque estas se diferenciam das demais crianças e precisam como tal, receber a instrução condizente ao seu nível de desenvolvi-

mento. O ser humano nasce com a faculdade de ser inteligente, porém temos que ter subsídios para desenvolver nossas faculdades mentais, nosso potencial. Tanto Gardner quanto Renzulli consideram a inteligência não como algo isolado e unitário, mas ambos assinalam a importância da cultura e do ambiente para a definição e manifestação da mesma.

A superdotação diferentemente da visão de Piaget, não depende da maturação e nem mesmo de estágios de evolução já constituídos, mas de um processo de interação e desenvolvimento cognitivo superior. O ambiente é apontado por todos os autores como indispensável para o desenvolvimento e aprendizado da criança, logo, crianças que vivem num ambiente menos favorecido poderão descobrir suas habilidades tardiamente, ou pior, não desenvolvê-las. O aprendizado da criança portadora de altas habilidades não ocorre de maneira linear, mas de maneira dinâmica, onde o aprendizado possibilita o desenvolvimento em um processo de inter-relação entre o social e o individual.

Curiosamente, o superdotado não é necessariamente aquele aluno dedicado e calado. Muitas vezes este aluno pode apresentar problemas quanto à atenção e interesse pelas aulas, alguns não copiam as aulas, pois memorizam com facilidade o que foi ensinado. Porém, essas crianças não conseguem desenvolver suas potencialidades se não obtiverem o intermédio com os adultos através de um processo dialógico.

A escola até hoje prioriza apenas uma categoria de altas habilidades: as acadêmicas, que são habilidades lingüísticas e lógico-matemáticas, desfavorecendo habilidades como: produtivo-criativa que diz respeito à criatividade, inventividade, imaginação e atitudes questionadoras. Este desencontro entre ensino escolar e as crianças superdotadas ou portadoras de altas habilidades é o que muitas vezes omite e inibe o desenvolvimento e aprendizado das mesmas.

Precisamos de um novo olhar para estas crianças que aponte para uma educação verdadeiramente especial, contemplando habilidades e potencialidades indispensáveis para o desenvolvimento do sujeito. O novo olhar proposto consiste em desmistificar mitos, relacionados às crianças com altas habilidades, ampliando o conhecimento sobre as mesmas e repensando métodos de ensino compatíveis às novas gerações. Todos nascem com potencialidades que podem ser mais ou menos desenvolvidas de acordo com o ambiente na qual estão inseridos. Diante dos estudos realizados até o momento sobre superdotação e altas habilidades, percebemos que não existem

pontos divergentes entre os adeptos desta área, mas sim, pontos complementares, onde as questões biológica e ambiental andam juntas no processo de aprendizado e desenvolvimento.

Ter habilidade é inerente ao indivíduo, porém ter uma alta habilidade dependerá do contexto e das interações do indivíduo. Deste modo, refletir sobre o papel da família, escola e sociedade no desenvolvimento das crianças torna-se imprescindível. Pensar em aprendizado e desenvolvimento, tendo como base crianças com altas habilidades, é pensar na dimensão intelectual e nas influências genéticas e ambientais pelas quais perpassam seu desenvolvimento. Vivemos num mundo de conhecimentos, onde as potencialidades humanas tornam-se possibilidades de aprendizado.

Referências

- FREEMAN, Joan; GUENTHER, Zenita. *Educando os mais capazes: idéias e ações comprovadas*. São Paulo: EPU, 2000.
- FREITAS, Soraia Napoleão. *Educação e altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2006.
- GARNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática: Artes Médicas*, 1995.
- RENZULLI, J. S. *O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos*. Educação. Tradução de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. um, p. 75 - 121, jan/abr. 2004.
- VEJA. *Videogames e TV: ferramentas para afiar a inteligência*. São Paulo: Abril, n 1938, 2006. Revista.
- VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1999.
- WINNER, E. *Crianças superdotadas: mitos e realidades*. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Enviado em jan./2007
Aprovado em ago./2007

Giovana Mattei
Pedagoga e Mestranda em Educação pela Universidade
de Passo Fundo – Rio Grande do Sul
Rua Bandeirantes, 532 - Centro.
CEP: 99560-000 - Sarandi/ RS
E-mail: giomattei@ibest.com.br
